

DA DEDICAÇÃO AO TRABALHO PARA A GLÓRIA DE DEUS NA TERRA À IDOLATRIA DO LUCRO COMO FIM EM SI MESMO: A TRAJETÓRIA DO CAPITALISMO

Vera Lúcia Belisário BARONI¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre os fatores que influenciaram o desenvolvimento do capitalismo – enquanto um sistema racionalista que visa essencialmente o lucro – desde os seus primórdios até os dias atuais. Partindo da reflexão de Max Weber sobre a influência da ética protestante na formação do que ele chama de “espírito do capitalismo” e o momento da ruptura entre ambos, nossa abordagem evoluirá para a forma moderna de capitalismo e algumas das críticas que pesam sobre ele.

Palavras-chave: Capitalismo – Lucro – Racionalismo – Individualismo – Crença.

⁽¹⁾ Mestrando em Filosofia Social, PUC-Campinas.

INTRODUÇÃO

A hegemonia do capitalismo nos dias atuais é indiscutível. Nem o mais proeminente visionário em seus primórdios poderia prever a extensão que tal sistema político-econômico assumiria no cenário mundial moderno. Caracterizado como um sistema que busca sempre o lucro de forma racional e sistemática, podemos afirmar que estamos hoje diante de um fenômeno que, mesmo não possuindo a simpatia ou aprovação de todos os que a ele estão submetidos, apresenta-se como única opção, especialmente após a queda da União Soviética e de seu sistema político-econômico.

A extrema racionalização, que se apresenta como uma das principais características do capitalismo moderno configura-se, também, como um dos seus principais problemas, na medida em que o deixa totalmente desvinculado dos aspectos éticos e emocionais que o tornariam mais humano ou, poderíamos dizer, mais comprometido com o bem-estar de todos. Porém, se o examinarmos em sua origem, veremos que esse racionalismo extremado já estava presente no comportamento daqueles que foram seus precursores.

A BENÇÃO DE DEUS PARA O ACÚMULO DE RIQUEZAS

MAX WEBER² desenvolveu, a partir de pesquisas que indicavam a predominância de protestantes entre os homens de negócios e, também, entre os operários qualificados de alto nível técnico, um estudo que nos proporciona uma análise do perfil ético e psicológico de alguns dos pioneiros do capitalismo moderno. A partir de um texto de Benjamin Franklin, nos primórdios do capitalismo, que afirma que tempo é dinheiro e exorta as pessoas a ganharem sempre mais, WEBER associa o desenvolvimento capitalista aos princípios da

(2) Max WEBER, "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo".

ética protestante – representada especialmente pelo calvinismo, pietismo, metodismo e seitas batistas – e nos apresenta um estudo detalhado das principais crenças da igreja reformada, especialmente com relação a sua forma de ver Deus e de interpretar a graça que nos é concedida por Sua misericórdia.

“O Pai do Céu do Novo Testamento, tão humano e compreensivo, e que se regozija com o arrependimento de um pecador, como uma mulher com a moeda de prata perdida e reencontrada, desapareceu. Seu lugar foi ocupado por um ser transcendental, além do alcance da compreensão humana, que com Seus decretos incompreensíveis decidiu o destino de cada indivíduo e regulou os mínimos detalhes do Universo para a eternidade. E uma vez que Seus decretos são imutáveis, a Graça seria tão impossível de ser perdida para aqueles a quem a concedeu como impossível de ser obtida para aqueles a quem a negou. Essa doutrina, em sua extrema desumanidade, deve ter tido, acima de tudo, uma conseqüência para a geração que se rendeu à sua magnífica consistência: um sentimento de incrível solidão interior do indivíduo”.³

Em relação a esse sentimento de solidão interior citado por WEBER, é de se notar que uma crença que absolve alguns e condena outros, independentemente de suas ações, tem todos os ingredientes para transformá-los em pessoas amargas e extremamente individualistas. Dentro dessa lógica predestinacionista e, principalmente, por não haver meios de se saber quem são os eleitos de Deus e quem são os condenados, resta à todos buscar cumprir com suas obrigações diante Dele como se eleitos fossem, e essas obrigações se referem aos serviços realizados junto à sociedade.

“O mundo existe para servir à glorificação de Deus, e só para esse propósito. Os cristãos eleitos estão no mundo apenas

⁽³⁾ Max WEBER, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, p. 82.

*para aumentar a glória de Deus, obedecendo a Seus mandamentos com o melhor de suas forças. Deus, porém, requer realizações sociais dos cristãos, porque Ele quer que a vida social seja organizada conforme Seus mandamentos, de acordo com tais propósitos. A atividade social dos cristãos no mundo é apenas uma atividade **in majorem gloria Dei**. Esse caráter é, pois, partilhado pelo trabalho dentro da vocação, que propicia a vida mundana da comunidade. (...) O amor fraternal, uma vez que só poderia ser praticado pela glória de Deus e não em benefício da carne, é expresso em primeiro lugar pelo cumprimento das tarefas diárias, dadas pela **lex naturae**; e no processo, essa obediência assume um caráter peculiarmente objetivo e impessoal, a serviço do interesse da organização racional do nosso meio social".⁴*

Dentro dessa lógica, os cristãos da igreja reformada entregaram-se ao trabalho com dedicação fervorosa, pois entendiam que somente através dele poderiam exercitar a "vocação" herdada de Deus, e desta maneira certificarem-se de estarem cumprindo Seus desejos. A acumulação de riquezas propiciada por este trabalho era vista como sinal da glória de Deus, porém, ela não poderia ser usada para promover a satisfação dos desejos pessoais de conforto, luxo ou ostentação. Os desejos da matéria deveriam ser contidos, através de uma rígida disciplina, pois sua satisfação era vista como idolatria da carne. Essa disciplina rígida foi aplicada não só aos hábitos relacionados à vida pessoal, mas, também, na forma de organização do trabalho laico, encarado como a única atividade nobre à qual o homem poderia se dedicar. Tal rigidez de comportamento gerou um profundo desprezo naqueles que se consideravam eleitos e cumpridores da vontade de Deus, em relação àqueles que, sob sua ótica, não conseguiam se impor a mesma disciplina e, por isso, contrariavam a vontade divina. Teria sido

⁽⁴⁾ Idem, p. 85.

esse desprezo inicial por aqueles considerados em pecado e, por serem desprovidos da graça de Deus, um dos germes que facilitou posteriormente, o abandono dos ideais de transformação do mundo para a simples acumulação de riquezas unicamente para o próprio, mesmo que à custa da exploração dos demais? Esse é um dos questionamentos que se colocam diante de nós, na busca da compreensão dos caminhos traçados pelo capitalismo até os dias atuais.

Podemos perceber por esta breve análise, como o capitalismo reformado organizou e disciplinou sua conduta, através de um processo de racionalização que se estendeu a todos os aspectos de sua atividade, marcando profundamente sua forma de se relacionar com o mundo. A acumulação de riquezas foi liberada, pois segundo suas crenças, o próprio Deus a propiciava aos seus eleitos, confirmando desta maneira sua predestinação. O desvirtuamento, porém, quanto à finalidade da acumulação de riquezas, que inicialmente seria para a transformação do mundo para a glória de Deus, através da criação de empregos e consequente diminuição da pobreza, se caracterizou pelo abandono desse objetivo inicial em favor da busca irrestrita de lucro sempre crescente, e este momento é abordado no estudo de WEBER com a citação da frase de WESLEY: *"A religião engendra necessariamente o espírito de trabalho e o espírito de economia que só podem produzir riqueza. Porém, quando a riqueza cresce, também crescem o orgulho, a paixão e o amor do mundo... e permanece, então, a forma da riqueza, mas seu espírito desaparece pouco a pouco"*.

O LUCRO COMO FIM EM SI MESMO

Liberados, portanto, inicialmente pela fé para o acúmulo de riquezas, os empreendedores capitalistas agora, envolvidos com paixões materialistas, sentiam-se liberados também para o desvirtuamento da mesma. Podiam dedicar-se a sua "vocação" para ganhar dinheiro.

trabalho, livres de qualquer culpa. Da antiga mentalidade que moldou o comportamento dos primeiros empreendedores e, também, de algumas categorias de trabalhadores, restou a necessidade de encarar o trabalho como um dever de cada indivíduo e que deveria ser realizado como um fim em si mesmo. WEBER identifica esse caráter do desenvolvimento posterior do capitalismo, já desvinculado da fé religiosa, ao afirmar:

“A economia capitalista moderna é um imenso cosmos no qual o indivíduo nasce, e que se lhe afigura, ao menos como indivíduo, como uma ordem de coisas inalterável, na qual ele tem de viver. Ela força o indivíduo, à medida que ele esteja envolvido no sistema de relações de mercado, a se conformar às regras de comportamento capitalista. (...) Assim, pois, o capitalismo atual, que veio para dominar a vida econômica, educa e seleciona os sujeitos de quem precisa, mediante o processo de sobrevivência econômica do mais apto”.⁵

Nesse processo de educação e seleção, vários foram os métodos do capitalismo para atingir o objetivo de condicionar aqueles que deveriam trabalhar incondicionalmente, para fazer a riqueza dos capitalistas sem jamais, contudo, virem a se tornar um deles. A ética protestante serviu ao capitalismo emergente, na medida em que educou seus seguidores para a dedicação incondicional ao trabalho, como única maneira de agradar a Deus na terra. Porém, o enfraquecimento da moral religiosa, especialmente a partir do iluminismo, gerou uma lacuna que necessitava ser preenchida. Desvinculados do ideal religioso restou apenas a necessidade de manter aceso o sentido de obrigação para com o trabalho, e ao capitalismo ficou a tarefa de convencer os trabalhadores a se dedicarem a ele com o mesmo fervor inicial, porém, motivados por outra finalidade. Não há mais a preocupação em agradar a Deus, em seu lugar como motor do trabalho compulsivo, o sistema capitalista passou a acenar com a possibilidade, supostamente igual para todos, de enriquecimento e de desfrute dos prazeres proporcionados

⁽⁵⁾ Idem, p.50.

pela aquisição de bens de consumo. Para atingir esse objetivo o capitalismo, estrategicamente, se utilizou e se utiliza cada vez mais de todas as formas de mídia. Segundo MICHEL DE CERTEAU⁶, “fazer crer é fazer fazer”, e através da mídia o sistema capitalista busca fazer com que as pessoas façam o trabalho que lhes é exigido crendo que os bens materiais adquiridos através dele lhes proporcionará todos os prazeres almeçados.

*“A outra tática não supõe que a crença permaneça ligada a seus primeiros objetos, mas, ao contrário, que ela poderia desligar-se deles de modo artificial; que a sua fuga para os relatos da mídia, para os “paraísos” do lazer, para os retiros íntimos ou turísticos etc., poderia ser detida ou desviada; que se poderia, portanto, trazê-la de volta para o redil, para a ordem disciplinar que ela abandonou”.*⁷

A “ordem disciplinar” necessária à crença e indispensável para o sucesso do sistema capitalista passou a ser mantida, como já afirmamos, através da pregação das mídias eletrônicas e impressas. Se a pregação religiosa, que exigia dedicação mas proibia o prazer e o desfrute não era mais eficaz, em seu lugar a nova pregação tudo promete, basta adquirir os bens anunciados e se enquadrar aos padrões apregoados exaustivamente e todos os seus anseios serão satisfeitos. As mídias, na medida em que são patrocinadas e financiadas pelo sistema econômico dominante, atendem aos interesses e aos ditames deste. Se nos dias atuais, não é mais possível submeter os trabalhadores à força a jornadas de até 18 horas de trabalho como se fazia no século XIX, pode-se convencê-los, através dessa nova forma de coação, a se submeterem “voluntariamente” em função da crença na possibilidade de conquista de maior poder financeiro e status. Os trabalhadores/consumidores são convencidos, através de um processo que se assemelha a uma lavagem cerebral, a participarem de uma ciranda louca e ilusória

⁽⁶⁾ Michel de CERTEAU, “A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer”, pg. 241.

⁽⁷⁾ Idem, pg. 282.

que os estimula a uma competição feroz uns com os outros - pois somente os melhores interessam ao sistema capitalista - em busca de melhores oportunidades profissionais e de salários, para poderem consumir tudo o que a propaganda anuncia como indispensável para sua vida. Como tão perspicazmente observam ADORNO e HORKHEIMER:

*“Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Elas têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza”.*⁸

Essa escravidão se materializa na medida em que, conforme observa MAX WEBER, *“quem quer que não adapte seu modo de vida às condições do sucesso capitalista é sobrepujado, ou pelo menos impedido de subir”.*⁹

UM NOVO NOME PARA UM VELHO CONHECIDO

Nos dias atuais, o credo capitalista prega aos seus discípulos que estamos no mundo do livre mercado, ou da “sociedade aberta”, como diria Popper; que a concorrência das empresas nesse “mundo livre” é saudável, pois é ela que garante o progresso da civilização, pois gera uma busca constante de aperfeiçoamento. Todos têm oportunidade de prosperar profissionalmente e de abrir o seu próprio negócio, e seu sucesso vai depender apenas de competência pessoal

⁽⁸⁾ ADORNO/HORKHEIMER, “Dialética do Esclarecimento”, pg. 125.

⁽⁹⁾ Max WEBER, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, pg. 62.

e de dedicação incondicional ao sistema. Esse credo, na verdade, é chamado atualmente de *"liberalismo"*, e é sobre essa nova bandeira que o capitalismo moderno se apresenta através das mídias.

"Capitalismo? Que arcaísmo mais obsoleto! Atualize-se com a palavra adequada: neoliberalismo. O dicionário define "liberal" como "o que é digno de um homem livre". Não soa bem? E oferece-nos uma lista convincente de antônimos: "avaro, autocrata, ditatorial, dirigista, fascista, totalitário". Você encontraria possivelmente várias desculpas para se definir como anticapitalista, mas confesse que iria precisar de muita astúcia para se proclamar antiliberal".¹⁰

O discurso capitalista, ou melhor, neoliberal, é atraente e sedutor, porém, após três séculos de capitalismo, seus críticos alegam que está claro que essas oportunidades tão insistentemente alardeadas não são para todos. Na verdade, eles alegam que são para bem poucos, pois uma das formas de aumentar exponencialmente os lucros, é através do investimento em alta tecnologia, fator que reduz drasticamente a necessidade de mão de obra humana nas empresas. Porém, a tendência natural de todos é a de crer, conforme a mídia apregoa, nesse sistema no qual todos estamos incluídos; crer que se nos enquadrarmos às suas exigências, seremos vencedores e felizes. Mas, ao tomarmos conhecimento do pensamento de um de seus maiores representantes nos dias atuais, George Soros, constatamos que a realidade é bem diferente. Ele nos afirma que se priorizamos valores sociais como paz, justiça, solidariedade e amizade não devemos ir ao mercado.

"...o interesse comum não encontra expressão no mecanismo de mercado. As empresas não têm o objetivo de criar emprego. Elas empregam pessoas (tão poucas e a um custo tão baixo quanto possível) para gerar lucros. As empresas de assistência médica não estão no mercado para salvar vidas; prestam assistência médica para gerar lucros. As

⁽¹⁰⁾ Gilles PERRAULT, "O Livro Negro do Capitalismo", pg. 11-12.

empresas de petróleo não procuram proteger o ambiente, a não ser para cumprir as exigências legais ou para resguardar a sua imagem pública".¹¹

O mercado capitalista, portanto, é lugar de luta através da competição permanente, o que destrói os valores sociais compartilhados, que foram a base da criação do sistema democrático. Talvez, por isso, tenhamos hoje um número tão grande de excluídos e marginalizados, tão bem representados pelas estatísticas que demonstram o aumento do desemprego e dos índices de miséria em todo o mundo. É difícil imaginar qualquer sentimento de felicidade que sobreviva a tanta pressão e frieza, pois nesse esquema não há espaço para a realização da dimensão humana, que todos sabemos estar relacionada aos mesmos sentimentos de justiça, amor, amizade, solidariedade, que dentro do sistema capitalista moderno estamos impedidos de realizar.

A maior crise que estamos vivendo nestes tempos, é a da mercantilização de tudo, até mesmo do próprio ser humano, que se transformou em coisa, em objeto desse sistema que o usa enquanto lhe é útil e que depois o descarta, quando já não lhe é necessário. Alguns poderiam dizer que estamos de volta aos tempos da barbárie, porém, desta vez de forma muito mais generalizada e totalizante, pois nas outras épocas em que os povos se sentiram ameaçados de alguma forma, sempre foi possível identificar seus algozes e lutar contra eles. Hoje, porém, quem sabe onde estão, ou quem são as "sociedades anônimas", cujos lucros têm que ser garantidos e preservados a qualquer preço, e em nome das quais todas as barbaridades contra os direitos humanos e a democracia podem ser cometidas?

Para os críticos do capitalismo é muito clara a sua responsabilidade por este cenário, e a busca por uma saída que preserve a dignidade e a vida humana, acima de qualquer outra coisa ou interesse, é encarada como uma necessidade urgente. Até mesmo entre seus mais destacados membros, como o já citado megainvestidor

(11) George SOROS, "A Crise do Capitalismo".

George Soros, existe a visão de um impasse quanto aos rumos do capitalismo moderno, pois os mercados financeiros são dados a excessos e podem atuar como *bolas de demolição*, podendo jogar todo o sistema em uma crise sem precedentes.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, *"Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos"*; tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- CERTEAU, Michel de, *"A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer"*; tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FORRESTER, Viviane. *"O horror econômico"*, tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- PERRAULT, Gilles (org.). *"O livro negro do capitalismo"*, tradução Ana Maria Duarte, Egito Gonçalves, Joana Caspurro e Leonor Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- SOROS, George, *"A crise do capitalismo"*, tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 5ª ed., Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999.
- WEBER, Max. *"A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo"*, tradução Pietro Nassetti. São Paulo; Editora Martin Claret, 2002.